

2.º Congresso Ibero Americano em estudos de Paisagem
Sintra, Centro Cultural Olga Cadaval – 2, 3 e 4 de Abril de 2020

**Rio de Janeiro-Patrimônio Mundial.
A construção e a desconstrução de sua paisagem natural.**

**Rio de Janeiro - World Heritage.
The construction and deconstruction of its natural landscape**

Maria Clara Amado Martins
FAU-CLA-UFRJ
mariaclaraamado@gmail.com

Resumo

A cidade do Rio de Janeiro, fundada em 1565, sempre esteve entre as mais belas do mundo e em 2012 foi a primeira cidade do mundo a receber o título da Unesco de Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural. Cantada em verso e prosa por canções com letras que reforçaram sua beleza como a famosa marcha Cidade Maravilhosa (FILHO, 1935) que virou o hino “Cidade maravilhosa, cheia de encantos mil” ou o Samba do Avião (JOBIM, 1962), que como o título, via a cidade pela janela de um avião cantando “Vejo o Rio de Janeiro, estou morrendo de saudades”. Mas, à medida que a cidade crescia, e, ao longo de seus mais de quatrocentos anos, surgiram outros versos com imagens poéticas antagônicas, como a canção Rio 40 graus (ABREU, 1992), com os versos “Rio 40 graus, cidade maravilha, purgatório da beleza e do caos ... uma cidade de cidades camufladas”. O trabalho investiga o reconhecimento mundial pela Unesco e os critérios utilizados e seus paradoxos com o embasamento de Dominique Poulot e Gustavo Giovannoni. Poulot defende a ideia dos vestígios como ponto de partida para a compreensão do Patrimônio Cultural e Giovannoni o conceito de ‘ambiente’ como valorização da cidade.

Palavras-chave: Rio de Janeiro, Unesco, Paisagem Cultural, Construção, Desconstrução

Abstract

The city of Rio de Janeiro, founded in 1565, has always been among the most beautiful in the world and in 2012 it was the first city in the world to receive the Unesco World Heritage title as Cultural Landscape. Sung in verse and prose by songs with lyrics that reinforced its beauty such as the famous march Cidade Maravilhosa (FILHO, 1935) that became the hymn “Cidade Maravilhosa, full of thousand charms” or Samba do Avião (JOBIM, 1962), which as the title, I saw the city through the window of an airplane singing “I see Rio de Janeiro, I'm dying of longing”. But, as the city grew, and, over its more than four hundred years, other verses with antagonistic poetic images appeared, such as the song Rio 40 degrees (ABREU, 1992), with the verses “Rio 40 degrees, wonder city, purgatory of beauty and chaos ... a city of camouflaged cities”. The work investigates the worldwide recognition by Unesco and the criteria used and its paradoxes based on Dominique Poulot and Gustavo Giovannoni. Poulot defends the idea of the remains as a starting point for understanding Cultural Heritage and Giovannoni the concept of ‘environment’ as an appreciation of the city.

Key words: Rio de Janeiro, Unesco, Cultural Landscape, Construction, Deconstruction

A janela era uma visão sem igual no mundo: a Baía da Guanabara era descortinada dali desde a entrada da barra.

Manuel Fernandes Figueira¹

A fala do cidadão Manuel Fernandes Figueira, um homem comum, professor e servidor do governo que ao abrir a janela de sua casa no Morro do Castelo dizia que “aquela era uma visão sem igual no mundo...” é emblemática para a construção de texto. A cidade era o Rio de Janeiro e o Morro do Castelo não existe mais. No entanto, estas palavras ainda ecoam pois referendam uma ideia de beleza sobre a cidade até os dias atuais que, com certeza, pousam no imaginário dos que avistam a cidade.

Alguns séculos depois esta cidade teve a paisagem de algumas janelas reconhecida mundialmente pela Unesco. Que cidade é essa?

A cidade do Rio de Janeiro foi fundada em 1565 pelo militar português Estácio de Sá (1520-1567) e a beleza de suas paisagens naturais sempre contribuiu para que ela estivesse entre as mais belas do mundo. Para culminar com este reconhecimento o Rio tornou-se, no ano de 2012, a primeira cidade do mundo a receber o título da Unesco de Patrimônio Mundial na categoria Paisagem Cultural.

A categoria de Paisagem Cultural foi criada em 1992 pela Unesco sob um novo entendimento de bens culturais aos quais vinculavam-se áreas rurais, sistemas agrícolas tradicionais, jardins históricos, percursos naturais, entre outros. A escolha do Rio de Janeiro a coloca como a primeira área urbana do mundo a receber este título considerando o somatório do valor de suas características naturais, históricas, urbanísticas e culturais.

A beleza da paisagem natural do Rio de Janeiro, decerto, chamou a atenção dos olhares atentos dos responsáveis pelo veredicto final que a incluiu na lista da Unesco, título este que se seguiu a reconhecimentos internacionais anteriores, como em 2007 ², quando Copacabana foi escolhida a praia mais bonita do mundo por um site de variedades norte-americano que elegeu as dez mais belas praias do planeta. A votação foi feita pelo *site AskMen* ³ e deixou para trás concorrentes no Havaí, Tailândia, Jamaica, Ilhas Canárias, Austrália, entre outras.

¹ Manuel Fernandes Figueira (1819-1918). Carioca, Servidor, homem comum descrevendo a vista que tinha de sua janela. O nome do Hospital Fernandes Figueira no Rio de Janeiro é em sua homenagem. In: Nonato, José Antonio, SANTOS, Núbia (Org.). Era uma vez o Morro do Castelo. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

² <https://extra.globo.com/noticias/rio/copacabana-eleita-por-site-praia-mais-bonita-do-mundo-684282.html>

³ O *AskMen.com* foi criado em 2000 e é um portal de internet online norte-americano não pago e dirigido especialmente ao público masculino. Tem versões para os Estados Unidos, Canadá, Reino Unido e Austrália. Askmen possui 5 milhões de leitores no mundo.

Não obstante, Copacabana não é o único lugar que reporta a cidade quando se fala nela ou dela. Suas praias e montanhas se espalham por toda a costa quase a contorná-la por inteiro, enquanto suas serras compõem uma grande muralha verde emoldurando a paisagem.

A beleza da cidade e seus lugares estão presentes em diversas canções que não só atravessaram fronteiras, mas que servem como estrutura para falar da sua paisagem construída e desconstruída ao longo dos anos. A cidade é dividida por zonas que acompanham os pontos cardeais: zona norte, zona sul, zona leste e oeste.

Cantada em verso e prosa suas visadas foram eternizadas por canções com letras que reforçaram sua beleza. São muitas canções, mas, entre elas, destacamos a famosa marcha “Cidade Maravilhosa” (FILHO, 1935). Tornou-se tão popular que virou hino da cidade por sua letra “Cidade maravilhosa, cheia de encantos mil, cidade maravilhosa, coração do meu Brasil...” e está incluída entre as suas mais tocadas canções não só no período de Carnaval, como em qualquer data festiva, e, não só no Rio como em diversas outras cidades brasileiras. Certamente, entre os leitores deste texto, não será raro encontrar alguém que saiba entoá-la.

Cidade maravilhosa

Cheia de encantos mil

Cidade maravilhosa, coração do meu Brasil

Cidade maravilhosa

Cheia de encantos mil

Cidade maravilhosa, coração do meu Brasil

Berço do samba e das lindas canções

Que vivem n'alma da gente

És o altar dos nossos corações, que cantam alegremente

Cidade maravilhosa

Cheia de encantos mil

Cidade maravilhosa, coração do meu Brasil

Cidade maravilhosa

Cheia de encantos mil

Cidade maravilhosa, coração do meu Brasil

Jardim florido de amor e saudade

Terra que a todos seduz

A expressão “cidade maravilhosa” consagrou-se como quase um sinônimo do Rio e estes “encantos mil” citados pelo compositor são a síntese de uma paisagem que une o céu, o mar e a montanha em uma cidade que em 1935 se apresentava como a capital do governo federal.

Registro que esta bela cidade não inspirou apenas compositores de todo o mundo, mas também pintores e fotógrafos que registraram e ainda registram suas paisagens com cores e tintas transformando alguns sítios em lugares eternos. O verso “Terra que a todos seduz” é muito representativo do fascínio provocado por estas nossas “terras”, e recentemente, deparei-me com a obra do artista Hélio Ferreira que une as letras das canções com esquiços da cidade, como a Figura 1.

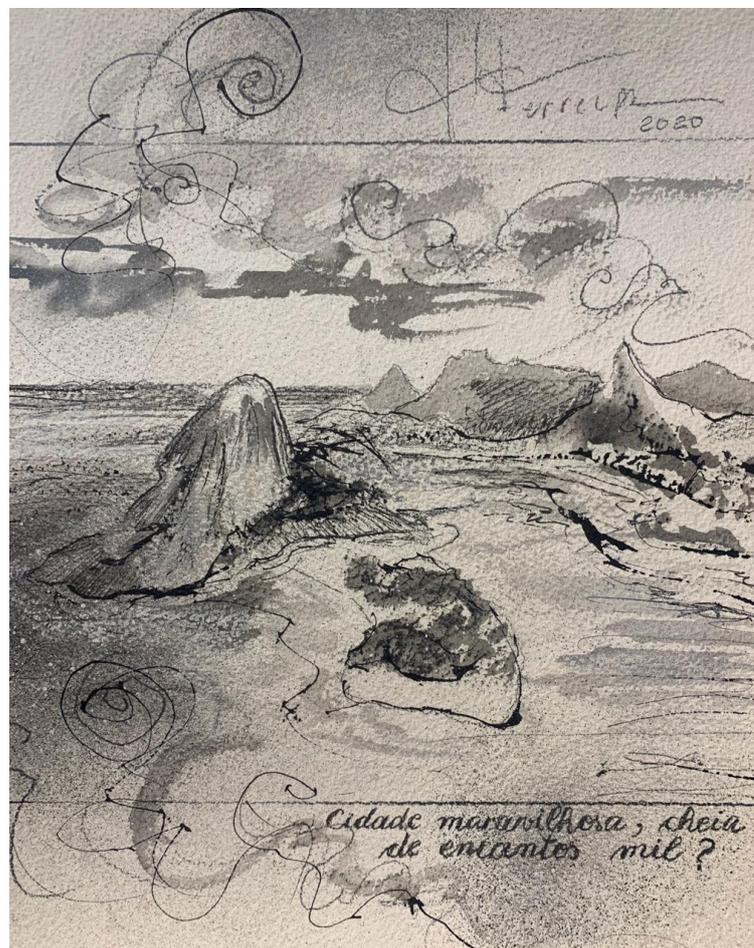


Figura 1. Ferreira, Hélio. Cidade Maravilhosa, cheia de encantos mil?
Aguada, nanquim, grafite e acrílica sobre papel Arches, 2020.
Fonte: Foto do autor

Há que se reparar neste quadro que o autor coloca o sinal de interrogação no título no sentido de perguntar à própria canção: “cidade maravilhosa, cheias de encantos mil?” e

segundo o mesmo, a intenção foi reforçar a singularidade da cidade através de uma canção que a eternizou.

Mas esta não foi a única canção a descrever a paisagem da cidade. Outra denominada “Samba do Avião” (JOBIM, 1962) via a cidade pela janela de um avião com os versos: “vejo o Rio de Janeiro, estou morrendo de saudades...Rio, céu, mar, praia sem fim, Rio você foi feito pra mim...”, assinalando uma visada moderna que até então não tinha sido tema de inspiração musical.

*Minha alma canta
Vejo o Rio de Janeiro
Estou morrendo de saudade
Rio teu mar, praias sem fim
Rio você foi feito pra mim
Cristo Redentor
Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque
Rio eu gosto de você
A morena vai sambar
Seu corpo todo balançar
Rio de sol, de céu, de mar
Dentro de mais uns minutos
Estaremos no Galeão
Este samba é só porque...*

Esta canção foi criada exatamente 1 (um) ano após a cidade não ser mais a capital do Brasil⁴ e, neste momento, já era possível avistar com clareza o seu crescimento na direção da zona oeste, região ainda pouco adensada da cidade. Não havia mais no perímetro urbano desenhado, áreas suficientes para acolher a migração de habitantes de outras cidade para o Rio de Janeiro e, considerando-se também o seu próprio crescimento populacional.

Há que se lembrar que o último grande projeto de urbanização da cidade aconteceu em 1906 e que ficou conhecida como “reforma Pereira Passos”⁵, então prefeito do distrito Federal (Rio de Janeiro).

⁴ A cidade de Brasília, nova capital federal do Brasil, foi inaugurada em 1961.

⁵ Francisco Franco Pereira Passos (1836-1913) foi um engenheiro e político brasileiro. Foi prefeito do então Distrito Federal entre 1902 e 1906, nomeado pelo presidente Rodrigues Alves.

O projeto de expansão culminou com o “Plano Piloto para a Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá” realizado pelo arquiteto e urbanista Lúcio Costa no ano de 1969, quando então a população começou a fazer o processo migratório para aquele sítio. A migração começou pela Barra da Tijuca, objeto maior da preocupação de Costa, visto que já havia indícios de ocupação naquela região com a formação de pequenos núcleos que a utilizavam como alternativa para o lazer.

A necessidade de realização do Plano Piloto é um fato demonstrativo de que a cidade ampliava seus limites acompanhando a industrialização crescente do país nas décadas de 1970 com um aumento significativo do número de automóveis, o que demandava novas intervenções urbanísticas. Ou seja, a cidade se move para a zona oeste com a velocidade dos veículos e com vias que precisaram ser alargadas para que este também fizesse parte da nova paisagem.

Pouco a pouco a paisagem natural do Rio de Janeiro sofria um processo de desconstrução urbanística para novamente, em outro momento, ser construída. O próprio Lúcio Costa ao projetar vias largas priorizou em seu Plano o automóvel como protagonista em detrimento do pedestre.

Outro dado relevante é a constatação da ocupação crescente das encostas pela população que migrava para a cidade em busca de trabalho e que também encontrou oportunidades no setor de construção civil. Sem apoio dos poderes estaduais e/ou municipais estas ocupações se deram de forma desordenada e sem nenhum planejamento que preservasse a paisagem natural da topografia carioca caracterizada pela Mata Atlântica.

Não bastasse a ocupação das encostas, este processo migratório para a cidade está explicitamente abordado pelo antropólogo brasileiro Gilberto Velho ⁶ que mapeou em seu livro “Utopia Urbana: um estudo de antropologia social”, publicado em 1973, a população migratória de outros Estados do país que buscava o Rio de Janeiro, em especial Copacabana atraída pela beleza da cidade e do bairro.

Viver em Copacabana era estar no Rio de Janeiro e a cidade emanava duas palavras que justificavam a migração que eram: “liberdade” e “moderno”. Em várias entrevistas⁷ realizadas pelo autor elas aparecem com destaque. “Aqui a gente se sente mais livre”, “aqui leva-se uma vida mais moderna” ou “aqui tem praia” eram algumas das razões apontadas para justificar a mudança. De fato o Rio de Janeiro ainda respirava sob os auspícios da reforma de Passos, que pretendia modernizar a cidade.

⁶ Gilberto Velho (1945-2012) foi antropólogo e professor titular da UFRJ.

⁷ VELHO, Gilberto. A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social. 5ª. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989, p. 68 e 69.

Ou seja, a se considerar a importância de Copacabana na cidade estes dados são afirmativos de que a beleza desta cidade maravilhosa era objeto de sedução em todo o Brasil. A que preço? A canção “Rio 40 graus” (ABREU, 1992) é aqui utilizada como um instrumento de avaliação do preço deste crescimento desordenado.

Cerca de quatrocentos e cinquenta anos de idade depois de sua fundação da cidade, seus versos apresentaram imagens poéticas antagônicas aos versos da cidade maravilhosa: “Rio 40 graus, cidade maravilha, purgatório da beleza e do caos”. Em outro trecho a canção dispõe que “O Rio é uma cidade de cidades misturadas, uma cidade de cidades camufladas”.

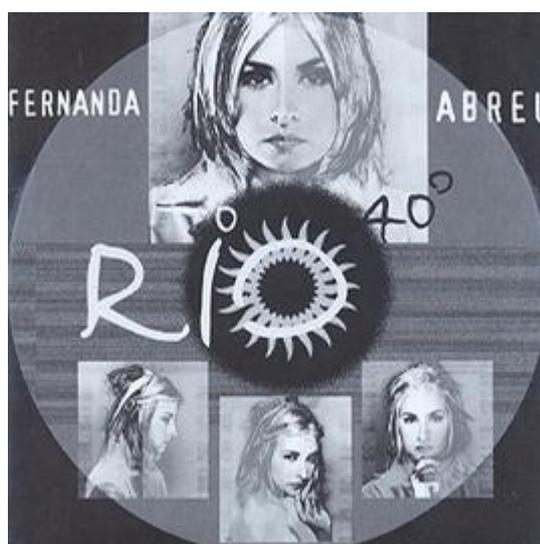


Figura 2. Capa do CD Single que lançou a música *Rio 40 graus* em 1992.
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_40_Graus_, acessado em 12 de fevereiro de 2020.

O título faz alusão à alta temperatura que a cidade alcança nos seus verões e faz uma leitura que dialoga com imagem de ‘cidade maravilhosa’, com os problemas de cinquenta anos (50) depois, como afirma:

Rio quarenta graus

Cidade maravilha

Purgatório da beleza e do caos

Capital do sangue quente do Brasil

Capital do sangue quente

Do melhor e do pior do Brasil

Cidade sangue quente

Maravilha mutante

O Rio é uma cidade de cidades misturadas
O Rio é uma cidade de cidades camufladas
Com governos misturados, camuflados, paralelos
Sorrateiros ocultando comandos
Comando de comando submundo oficial
Comando de comando submundo bandidaço
Comando de comando submundo classe média
Comando de comando submundo camelô
Comando de comando submáfia manicure
Comando de comando submáfia de boate
Comando de comando submundo de madame
Comando de comando submundo da TV
Submundo deputado – submáfia aposentado
Submundo de papai – submáfia da mamãe
Submundo da vovó – submáfia criancinha...

A beleza da cidade ainda existe na canção, mas a imagem de uma cidade caótica aponta para a percepção de um ordenamento territorial e um planejamento urbano que não contemplaram seu crescimento como no verso que diz que “o Rio é uma cidade de cidades misturadas”. Um paradoxo.

Este paradoxo da beleza da cidade diluída e fragmentada não impediu que a mesma recebesse da UNESCO o certificado de Patrimônio Mundial pela sua Paisagem Cultural, no ano de 2012. No entanto, na exposição do resultado, observa-se que cidade foi lida pelo órgão mundial em partes, em “setores”. Quais foram os lugares da beleza e os lugares da fragmentação desta beleza?

De acordo com o site do governo do Rio de Janeiro ⁸, e segundo o entendimento da UNESCO a Paisagem Cultural da Cidade do Rio de Janeiro é integrada por quatro componentes localizados desde a Zona Sul do Rio de Janeiro até a porção oeste da cidade de Niterói. São eles:

1. Setores Floresta da Tijuca, Pretos Forros e Covanca do Parque Nacional da Tijuca;
2. Setor Pedra Bonita e Pedra da Gávea do Parque Nacional da Tijuca;
3. Setor Serra da Carioca do Parque Nacional da Tijuca e Jardim Botânico do Rio de Janeiro;

⁸ <https://www.rio.rj.gov.br/web/irph/sitio-unesco>, acessado em 14 de fevereiro de 2020.

4. Entrada da Baía de Guanabara e suas bordas d'água desenhadas: Passeio Público, Parque do Flamengo, Fortes Históricos de Niterói e Rio de Janeiro, Pão de Açúcar e Praia de Copacabana.

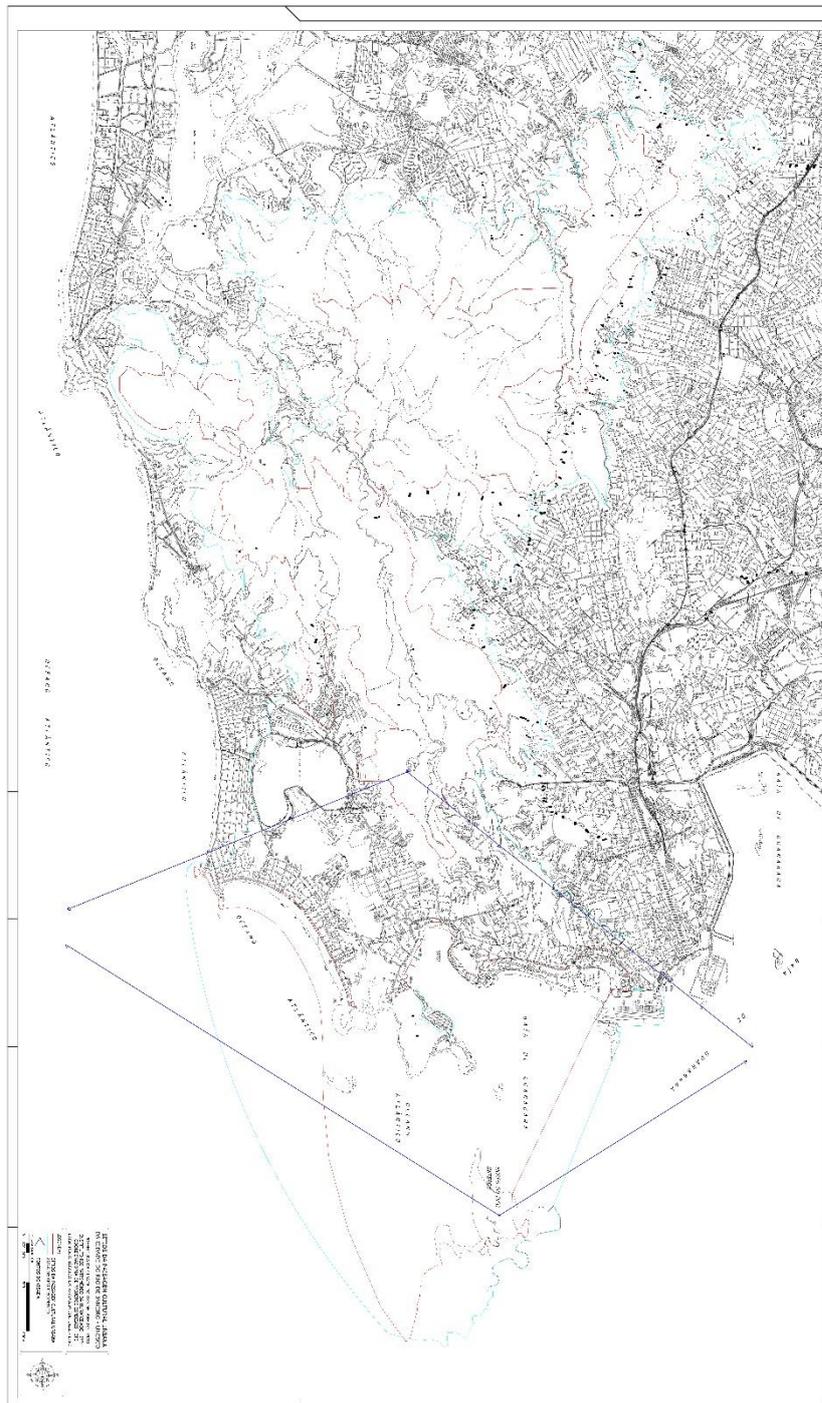


Figura 3. Mapa com os limites dos sítios declarados patrimônio mundial na categoria paisagem cultural urbana e da sua zona de amortecimento.

Fonte: <https://www.rio.rj.gov.br/web/irph/sitio-unesco>, acessado em 14 de fevereiro de 2020

No mapa fica visível o ponto de vista do observador da Unesco. O sujeito indefinido está colocado tal qual os navegantes que aqui chegaram, do mar para a terra e com um raio de visão limitado com relação à dimensão da cidade.

No memorial explicativo do Comitê internacional apresentado para justificar a inclusão da cidade, há um escopo dos critérios que foram utilizados e que a qualificam para a lista de Patrimônio Mundial. Os atributos que conferem à Paisagem Cultural da Cidade do Rio de Janeiro, seu valor universal, foram baseados nos critérios I, II e VI estabelecidos nas Diretrizes Operacionais para Aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial.

O *critério I* considerou a importância de valorizar a intervenção do artista na paisagem, como o escultor Valentim da Fonseca, o botânico francês Auguste Glaziou, o arquiteto Affonso Eduardo Reidy e o paisagista Roberto Burle Marx, que respectivamente atuaram no Passeio Público, Jardim Botânico, Parque do Flamengo e a Praia de Copacabana.

No *critério II* foi considerado que o sítio tem que ser testemunho de um intercâmbio de influência considerável, durante um dado período ou numa determinada área cultural, sobre o desenvolvimento da arquitetura ou da tecnologia, das artes monumentais, do planejamento urbano ou da criação de paisagens. No caso do Rio de Janeiro, a historicidade dos tecidos, como por exemplo, a Floresta da Tijuca apropriada pelos colonizadores portugueses para o plantio do café e depois seu reflorestamento.

E no *critério VI*, valoriza-se a vinculação da cidade com tradições vivas, ideias, crenças ou obras artísticas e literárias de significado universal excepcional, o que para o caso do Rio de Janeiro está vinculado a sua própria historicidade e a sua beleza desde a sua fundação como o fato de inspirar músicas, literatura, cinema e fotografias, os quais oferecem múltiplas visões sobre a cidade e, ainda, o Carnaval e o samba⁹ como manifestações culturais que projetam a cidade no mundo.

A primeira reflexão que vem à tona passa pela não inclusão da paisagem da Zona Oeste como um todo ou a não inclusão de outros “setores” do Parque Nacional da Tijuca, como as proximidades da zona norte (Tijuca e Grajaú) ou, ainda nestas considerações, um entendimento mais denso sobre a importância da cidade de Niterói (ao lado Rio) e não apenas seus Fortes Históricos.

Ou seja, prevaleceu na avaliação da Unesco o olhar sobre a baía “de frente” do Rio de Janeiro e não a baía dos “fundos” e seus manguezais, como fica explicitado na descrição do item

⁹ O Samba do Rio de Janeiro foi considerado Patrimônio Cultural do Brasil pelo IPHAN no ano de 2007. O registro foi feito no “Livro de Registro das Formas de Expressão”.

4. “*Entrada da Baía de Guanabara e suas bordas d’água desenhadas: Passeio Público, Parque do Flamengo, Fortes Históricos de Niterói e Rio de Janeiro, Pão de Açúcar e Praia de Copacabana*”.

Neste caso, valorizou-se a linha orgânica dos limites da cidade e o olhar de quem chega de avião, em especial pelo Aeroporto Santos Dumont. Ou ainda, o olhar de quem chega de navio pelo Porto. Esta linha que marca o encontro entre o o mar e as montanhas da cidade foi acrescida por algumas intervenções arquitetônicas na cidade, como o Passeio Público, o Aterro do Flamengo e os Fortes.

Conceitualmente, a cidade em partes reconhecida pela UNESCO traz a discussão de uma Estética já definida internacionalmente que relativiza o sentido do que é “belo” no Rio de Janeiro. A natureza da cidade é icônica e alguns pontos de sua paisagem são indicadores desta leitura e já se constituíram como signos, com a intervenção do homem ou não, como o Morro do Pão de Açúcar e a Praia de Copacabana.

Mas há algo mais nesta reflexão.

Estes signos são vestígios deste primitivo sítio avistado no século XVI e desde então vem sofrendo intervenções do homem em nome do crescimento da cidade, do crescimento populacional e em nome do progresso. A praia de Copacabana de hoje está ocupada e apresenta um adensamento que a coloca entre os mais populosos bairros da cidade.

Por sua vez, o Parque Nacional da Tijuca está situado na maior floresta urbana do mundo, a Floresta da Tijuca, mas sua história remonta à destruição de sua vegetação original e ao seu reflorestamento e à reconfiguração de sua paisagem no Século XIX.

O que se quer dizer com isso?

Que considerar que apenas alguns setores do Parque como a Pedra da Gávea, a Pedra Bonita, da Serra Carioca ou da Floresta da Tijuca (como no item 1 do relatório da Unesco) são merecedores do reconhecimento mundial, é não considerar o seu real limite, o seu perímetro, e que vai muito mais além do que foi considerado Patrimônio da Humanidade.

O olhar que vislumbra a cidade vista em partes pode ser entendido como um olhar indutivo e impositivo de um valor em que “o próprio patrimônio determina as condições concretas de sua abordagem, comunicação e controle e de fato, por seu intermédio, o pesquisador é conduzido ao âmago de uma quadro de valores que se afirma incontestável” (POULOT, 2009). Ou seja, o valor da paisagem do Rio passa a ser medido pelo que se considerou como merecedor de constar na lista da Unesco. Será que é incontestável esta avaliação?

É possível que a história da proteção e da transmissão do Patrimônio e, conseqüentemente, os investimentos, sejam voltados para o que foi configurado como de valor. Mas, a se considerar que outras paisagens da cidade ficaram fora da percepção e do olhar estrangeiro podem acontecer contradições.

Copacabana (zona sul da cidade) é uma paisagem mundialmente reconhecida, mas a ausência da Barra da Tijuca (zona oeste) surpreende porque foi um bairro que a partir do plano Piloto de Costa “redirecionou o crescimento da cidade , apontando mudanças comportamentais nos hábitos da população, e novas formas de apropriação e espacialização urbanas”. (MARTINS, 2007)

Aliado a isto, a Barra da Tijuca está inserida na Região Administrativa com maior número de APAs (Área de Preservação Ambiental) da cidade. São quatro ao todo: Marapendi, Prainha, Orla Marítma e Grumari. Possui ainda um rico ecossistema que compreende restingas, praias, mangues, lagoas e dunas o que a diferencia dos outros bairros da cidade.

Pergunto: a Barra da Tijuca é ou não é um lugar relevante a se considerar a sua paisagem cultural?

Do mesmo modo, pergunta-se porque a Lagoa Rodrigues de Freitas¹⁰, cartão postal da cidade e que teve o seu espelho d’água reconhecido pelo Iphan não foi incluída na lista da Unesco? A lagoa representa uma das principais atrações turísticas do município do Rio de Janeiro. É conhecida como "O Coração do Rio de Janeiro", devido a seu formato semelhante a um coração.

A Lagoa Rodrigo de Freitas teve o seu processo de tombamento municipal iniciado em 1986 sendo tombada pelo Iphan em 2000 como Conjunto Paisagístico no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico: Inscr. nº 121, de 19/06/2000. O entendimento de sua importância como iconográfica e toda a transformação urbanística que sofreu consideram os critérios apresentados pela Unesco.

Mas a Unesco fez a opção pelo olhar fragmentado. As intervenções urbanas que adviriam da importância política do Rio de Janeiro dos séculos XVI ao Século XX e seu crescimento populacional transformaram seu tecido urbano em um palimpsesto com problemas estruturais que vêm até os dias de hoje.

Giovanoni ¹¹, arquiteto italiano, introduziu a importância do conceito de ‘ambiente’ como valorização do aspecto envolvente da arquitetura, recomendando a reflexão sobre novas construções como parte da paisagem, na formação de um todo. A arquitetura e a paisagem eram uma coisa única, ou seja, tudo era paisagem.

Tudo é paisagem.

¹⁰ A historicidade da lagoa remonta ao Século XVI quando iniciou-se às suas margens o plantio de cana-de-açúcar e a montagem do Engenho d'El-Rey.

¹¹ Gustavo Giovanoni (1873-1947). Atuante na Itália como historiador, crítico de arquitetura, engenheiro, arquiteto e urbanista preocupou-se com o restauro científico que preserve tanto o monumento quanto o meio ambiente que o cerca. Consolidou a matéria Restauro Urbano. Um dos autores da Carta de Atenas.

A preocupação do arquiteto com a ambiência é apresentada como contraponto ao olhar da Unesco, posto que o arquiteto “entendia a cidade como um organismo complexo, a ser trabalhado em sua inteireza, abordando a relação entre cidade existente, novas áreas de expansão e zonas de interesse para a preservação de maneira articulada, e não como mera oposição” (GIOVANNONI, 2013).

O contraponto vem no sentido de entender que Giovannoni, preocupado com a sobrevivência das áreas urbanas de interesse para preservação da cidade de Roma, estabeleceu uma proposta articulada, onde estudou minuciosamente, rua a rua, edifício a edifício, pensando sempre nas melhores soluções de insolação e ventilação. Assim, defendia a abertura de largos para melhorar a visibilidade para a paisagem a ser preservada. Seus espaços de intervenção seriam pontos focais para ampliar o olhar do que precisava ser preservado.

Não havia esquecimento da paisagem, aqui pensada como um único tecido de interesse, segundo o arquiteto italiano.

A se pensar em Giovannoni como profissional da teoria e da prática, com trabalhos e textos referendados quando se pensa em Patrimônio, causa surpresa a ideia de fragmentação apresentada na lista da Unesco sobre o Rio, tão contrária ao pensamento do italiano. A desarticulação entre a zona sul da cidade e a zona oeste, assim como entre esta e a zona norte e o excesso de setores que ocultaram partes do Parque Nacional da Tijuca surpreendem conceitualmente, mas não calam a pergunta: porque estes outros setores foram esquecidos?

A resposta é simples. Os outros setores não contemplados sofreram ocupações desorganizadas. São os lugares que aqui chamamos de Favelas ou Comunidades. A história urbana da cidade do Rio de Janeiro contempla a degradação de parte da mata Atlântica por ocupações irregulares, por ausência de planejamento, por tentativas de desocupação e novamente ocupação que recai na ausência do Estado. E quando Estado se ausenta formam-se novos poderes. Poderes paralelos.

Retomemos os versos da canção *Rio 40 graus* que diz que “o Rio é uma cidade de cidades camufladas, com governos misturados, camuflados, paralelos, sorrateiros ocultando comandos, comando de comando submundo oficial, comando de comando submundo bandidaço”. Esta cidade apontada na canção não foi pensada como ambiência e convivência diária com a cidade da Unesco.

A Unesco explicou o que foi alçado a sua lista de Patrimônio Mundial, mas não explicou o que não foi alçado e nem porque não foi alçado. Temos uma contradição.

Tudo é contradição já dizia o historiador Poulot. Segundo ele o universos do patrimônio se relacionam de forma heterogênea e algumas vezes são evocados muitos “patrimônios” o que acaba esvaziando ou tornando turva a leitura do todo. Afirmo em seu livro que “fala-se de um

Patrimônio não só histórico, artístico ou arqueológico, mas ainda etnológico, biológico ou natural; não só material, mas imaterial; não só local, regional ou nacional, mas mundial. Às vezes o Eclétismo de tais considerações redundava em contradições ou leva à incoerência (POULOT, 2012).

Ainda segundo o francês, comumente é produzido um “mapa em pedaços” (POULOT, 2012) quando se pensa em patrimônio, o que por transferência por ser associado ao mapa do Rio de Janeiro produzido para a lista da Unesco. A organização internacional faz uma nova cartografia da cidade, uma vez que os mapas são os vestígios que serão referência de futuro e, que incorretos ou não, são novos vestígios que apagam os antigos vestígios.

A paisagem natural do Rio não ficou incólume diante dos novos desenhos urbanos e o que vimos hoje são, de fato, paisagens recortadas com vestígios de outrora, vestígios que devem ser pensados como relevantes pistas que nortearão atitudes de proteção para a compreensão desta cidade tão paradoxal, tão linda e tão desconstruída em sua paisagem natural, hoje Patrimônio da Humanidade.

Rio de Janeiro. Patrimônio Mundial como paisagem Cultural. Unesco. Construção e Desconstrução. Cidade maravilhosa ou cidade maravilha, cheia de encantos mil, purgatório da beleza e do caos. Cidade maravilha. Simplesmente, Rio de Janeiro.

Bibliografia

- BELLINI, Amadeo. *Tecniche della conservazioni*. Milano: Franco Angeli, 1992.
- BRANDI, Cesare. *Teoria da Restauração*. Trad. Beatriz Mugayar Kuhl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- COELHO, OLINIO G. P. . *Do Patrimônio Cultural*. 1. ed. Rio de Janeiro: Autor, 1992. 182p .
- CURY, Isabelle (org). *Cartas Patrimoniais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN, 2000.
- DEFEZ, Alberto. *Il consolidamento degli edifici*. Napole: Linguore Editore, 1981.
- FEILDEN, Bernard M.. *Conservation of Historic Buildings*. London: Butterworth- Heinemann, 1994.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em Processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. 2.ed. ver. amp. Rio de Janeiro: UFRJ; MinC-IPHAN, 2005.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ; IPHAN, 2002.
- GIOVANNONI, Gustavo. *Textos Escolhidos*. Trad. Renata Campello. Cotia. SP: Ateliê Editorial, 2013.

KATINSKY, Julio Roberto. *Um guia para a História da Técnica no Brasil Colônia*. São Paulo: FAU/USP, 1979.

KUHL, Beatriz Mugayar. *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: Problemas teóricos de restauro*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

MARTINS, Maria Clara Amado. *Barra da Tijuca - uma arquitetura entre a Ética e a Estética*. 2007. Tese (Doutorado em Preservação do Patrimônio Cultural) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MENEGUELLO, C. *Da Ruína ao Edifício - Neogótico, Reinterpretação e Preservação Do Passado na Inglaterra Vitoriana*. Editora: Anna Blume / Fapesp, 2008.

Nonato, José Antonio, SANTOS, Núbia (Org.). *Era uma vez o Morro do Castelo*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

POULOT, Dominique. *Uma história do Patrimônio no Ocidente*. Estação Liberdade: São Paulo, 2009.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, TURISMO E ESPORTES - DGPC. *Manual de Obras em edificações preservadas*. Rio de Janeiro: 1991.

UNESCO. *La conservacion et la restauracion des monuments et des hatiments historique*. Paris:1973.

VARINE - BOHAN, Hugues. *Patrimônio cultural. A Experiência Internacional*. São Paulo: FAU/USP/SPHAN, 1975.

VELHO, Gilberto. *A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social*. 5ª. Rio de Janeiro: Jorge zahar Editor, 1989.

Prefeitura do Rio de Janeiro. *RIO Patrimônio Cultural*. Revista do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro. Julho de 2012. Ano II-n1

Prefeitura do Rio de Janeiro. *RIO Patrimônio Cultural*. Revista do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro. Dezembro 2012. Ano II-n2

Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural -IPHAN. *Rio de Janeiro Paisagens Cariocas entre a Montanha e o Mar*. Dossiê Patrimônio Mundial-Rio de Janeiro.

Sites

<https://www.rio.rj.gov.br/web/irph/sitio-unesco>,

<https://extra.globo.com/noticias/rio/copacabana-eleita-por-site-praia-mais-bonita-do-mundo-684282.html> , acessado em 14 de fevereiro de 2020

https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_40_Graus, acessado em 12 devevereiro de 2020.